GALERIA DOS HOMENS UTEIS.



Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Pedroso.

Nem só os homens que illuminam o mundo com descobertas scientificas beneficiam a humanidade.

Eguaes, se não superiores, serviços prestam tambem aquelles que enxugam as lagrimas dos desgraçados, e salvam os afflictos dos perigos que os roubariam á vida, ao amor, e á felicidade da familia.

Estes, além de admirar a intelligencia pela raridade da abnegação e heroicidade da coragem, tocam e purificam o coração.

As conquistas da sciencia são raras, mas as da virtude são rarissimas; porque as grandezas e glorias que os sabios alcançam pelas suas lucubrações, são co-

mo germens que, mais ou menos, fecundam o estimulo ou a emulação do orgulho e da vaidade; em quanto que os riscos, os sacrificios e as ingratidões, que os humanitarios carecem de affrontar e recebem em troca da sua abnegação, poucos espiritos seduzem, sendo, comtudo, os brazões da maior das grandezas, os louros da mais esplendida das glorias, d'essa grandeza e d'essa gloria em cujos circulos radiantes Deus apraz manifestar-se como triumpho da sua causa; isto é, da beneficencia, da caridade, do puro e santo amor do proximo.

Grande satisfação é ver correr o nome nas azas velozes da fama por todo o orbe terrestre; mas muito maior deve ser a que se experimenta ao sentir o peito banhado pelas lagrimas e fervorosamente apertado pelos abraços do reconhecimento de um homem que nos agradece a salvação da sua vida e do seu amor, porque toca os extremos do gozo espiritual, e é filho da maior homenagem que se póde prestar a um ser humano, e o assimila á Divindade.

Deixando-nos, pois, guiar pela gratidão e pela justiça, traçâmos o retrato biographico do humanitario Joaquim Lopes.

O intrepido maritimo, o ousado nadador, e inexcedivel amigo da humanidade, que tantos naufragados ha salvado das ondas famintas que banham os escolhos da barra de Lisboa, nasceu em Olhão, a 19 de agosto de 1799, e é filho de Francisco Lopes, pescador, e de Rosa Maria.

Aos seis annos de edade entrou na eschola, onde aprendeu a ler e escrever, como se póde aprender n'uma eschola em Olhão.

Como, felizmente, ainda não chegou aos pescadores a monomania de metter os filhos na universidade de Coimbra, e quando mesmo houvesse chegado, lhe faltariam os meios, o nosso joven algarvio saíu, aos dez annos, da eschola para cultivar com seu pae a arte da pesca, onde, mais tarde, devia adquirir esse familiar conhecimento da barra de Lisboa, a que deve o triumpho dos nobres arrojos que o recommendam á gratidão da humanidade.

N'esse tempo, Joaquim Lopes não pensava senão em ser pescador dos largos mares, e, sobre tudo, rico.

Porque mui pouco lucrativa era a pesca nas costas do Algarve, pediu a seus paes que o deixassem ir exercel-a em Gibraltar, para onde, com effeito, partiu; mas, tendo-lhe a sina decretado á nascença que só seria rico e bem succedido pelos dotes inexcedivelmente elevados do seu coração e da sua alma, não foi ahi mais feliz, e regressou á patria, mallogrado nos seus intentos, 11 mezes depois.

Então, parece que a Providencia, querendo representar-se por um homem nos perigos que as tempestades arrojam á barra de Lisboa, o aconselhára a ir para as canôas de pesca de Paço d'Arcos.

Foi n'estas canôas que Joaquim Lopes, dotado do nobre estimulo da distincção pelo proprio merito, fez, como elle diz, um estudo particular da barra, e se tornou, em mui pouco tempo, o mais profundo conhecedor dos baixos, chamados cachopos, que a marginam.

Estamos ás portas d'esse futuro que abriu ao nosso vencedor das tormentas uma vida, não de interesses materiaes, mas de triumphos e glorias.

Tão honrado, affavel, sincero e leal para com seus companheiros, quanto intrepido e habilidoso na navegação da barra, Joaquim Lopes conquistou de rapido um nome duplamente prestigioso, e, em breve, pela fama, o procuram para remador da falua do Bugio, logar que acceitou em 1820.

A datar d'esta epocha não temos a folhear na sua vida senão paginas de amor e heroismo.

A primeira que a sua humanidade e coragem lavraram foi em 29 de julho de 1823.

Assistia Joaquim Lopes a uma funcção religiosa na quinta do Arieiro, proxima ao rio da praia de Oeiras, o qual, n'esse dia, por ter a bocca obstruida pelas areias, formava pela terra dentro uma larga lagoa, em alguns pontos caudalosa, quando sentiu um grande alarido entre o povo, e, attentando, viu que era por causa de um homem que, atravessando a dita lagoa com um rapaz, seu irmão, ás costas, e, tendo-lhe faltado pé, largára a pobre criança, para só tratar de salvar-se.

— « Assim que deparei com simlhante scena », diz elle, « parece que a Divina Providencia me deu um rasgo tão forte no coração, que mesmo vestido e calçado me lancei á agua, e fui na direcção do desgraçado mancebo. »

Inda assim, todos reputaram perdida a victima, quando a viram afundar-se.

Mas Joaquim Lopes não descrê: prosegue com mais velocidade, ganha n'um momento a distancia de uns trinta passos, que tanto faltava para chegar ao logar fatal, e ahi desapparece.

Succedem alguns instantes de pavoroso silencio, durante os quaes o grito da consternação pende, apenas, dos labios dos espectadores receiosos.

De repente, dois vultos assomam ao lume d'agua: é Joaquim Lopes que, segurando com o braço esquerdo a criança, já meia moribunda, nada para a terra com o fogo da alegria scintillando-lhe nos olhos!

Não termina, porém, aqui, esta verdadeira epopéa.

Depois de ter posto o infeliz em terra, lança-se outra vez ao rio para salvar o outro, prestes a afogar-se tambem; e, não obstante haver excedido as forças, o estorvo e peso enorme que o fato encharcado lhe fazia, o seu nado é ainda ligeiro, activo, veloz.

O resultado não foi menos triumphante, e, d'ahi a uma hora, Joaquim Lopes volvia a folgar na festividade, por entre os abraços freneticos dos seus amigos, e enthusiasticas saudações do povo.

Folheemos.

Pouco tempo depois, estando o nosso heroe na torre do Bugio, uma onda envolve um cabo de artilharia que passava de uma cabeça d'areia para a fortaleza.

— « Joaquim Lopes! Joaquim Lopes! »

Foi o brado de soccorro que a um tempo rebentou logo nos labios de seus companheiros.

Tão expedito na reflexão, como corajoso e humano, Joaquim Lopes toma immediatamente um cabo, deixa uma das pontas d'este nas mãos dos seus companheiros, lança-se ao mar, e, conseguindo segurar a victima, amarra-a por debaixo dos braços, grita aos collegas que a puxem, e amparando-a, ao passo que nadava, assim consegue salval-a.

Pela mesma fórma livrou do abysmo das ondas, em 1828, um sargento de veteranos, por nome Francisco de Sales.

A 18 de maio de 1833 fallece o patrão da falua.

Segundo a lei, o logar pertence ao mais antigo dos remadores; mas sendo estes chamados pelo governador para darem o seu voto sobre o novo patrão, a eleição recáe unanime e acaloradamente sobre Joaquim Lopes, não obstante ser o mais moderno.

Esta rara cedencia dos direitos adquiridos significou como a consagração da alliança das forças para emprehender os actos de incrivel coragem e temeridade, cujos principaes vamos admirar.

Em 16 de fevereiro de 1856, ás tres e meia horas da manhã, encalha, no baixo de Alpeidão, a escuna ingleza *Howard Primorose*.

O mar debatia-se horrivelmente, e parecia querer, no galgar furioso das suas vagas, engulir as pro-

prias nuvens, que pela atmosphera corriam, como se fugissem, com a velocidade do raio.

Quando as torres davam o signal de soccorro, já o intrepido Joaquim Lopes, que está constantemente com um oculo, qual sentinella vigilante da humanidade, a revistar da sua casa, d'onde descobre a barra toda, os perigos que ahi, auxiliados pela violencia da tempestade, esperam, traiçoeiramente occultos nas ondas, o perdido navegador, exclamava á guarnição da falua:

— « Vamos salvar nossos irmãos ! O mar é muito ! mas os homens inspirados pelos sentimentos de Deus tem tanta força como elle ! »

E, largando de Paço d'Arcos, ía caminho do sinistro.

Mas, chegados ahi, uma difficuldade invencivel zomba d'essa força : a falua não póde navegar sobre o baixo, e, portanto, aproximar-se dos infelizes naufragados que, subidos nas enxarcias, viam, a seus pés, o navio despedaçar-se e absorver-se de mais em mais nas ondas embravecidas, e, a pouca distancia, retirar-se, por impotente, o unico recurso onde haviam chegado a conceber salvação !

Joaquim Lopes recúa : por cobardia ? desistindo da nobre empreza ?

Não !

O nosso heroe não teme a morte ; ao contrario, vae a Paço d'Arcos buscar um pequeno barco de pesca seu, que, suppõe, poderá navegar sobre o baixo, para de novo e decididamente affrontal-a.

— « Partia-se-me o coração de dor, » diz elle, « ao ver aquelles desgraçados a pedirem de mãos postas um soccorro impossivel, e ao receiar que quando voltassemos houvessem já sido engulidos pelo mar. »

Joaquim Lopes retirava, pois, com uma esperança no coração, e ás duas e meia horas da tarde, volvia no seu barquinho de pesca em demanda dos infelizes.

Quando chegou, já estes, agarrados aos fragmentos do navio, andavam á mercê das vagas.

— « Que é isso ! » exclama elle aos seus camaradas, vendo-os empallidecer ; « não é este, nem dobrado d'este mar, que nos ha de metter a pique. Onde está o perigo é alli, » prosegue apontando para o logar fatal ; « alli é que estão doze horas de agonia, e, dentro em pouco, uma morte irremediavel ! Avante ! pois. Nossa Senhora da Guia está-nos vendo. Ou morrermos todos, ou um nome eterno para os valentes que salvarem aquelles tristes ! »

O patrão da falua do Bugio é tão eloquente como arrojoso e humanitario. O leitor já observou, por certo, que em vinte volumes de sessões da camara dos deputados ou dos pares, não se encontram dez discursos que valham uma d'estas brevissimas exhortações.

Aquelle brado foi intensa faisca de lume que cegou os olhos do temor, e incendiou a energia, quasi desfallecida, da coragem.

Agora o leve barquinho não fende, vôa por sobre as ondas.

De quando em quando desapparece entre uma nuvem d'espuma ; mas esta desfaz-se rapidamente ao sopro desenfreado do vento, e o barquinho torna a deixar-se ver, galgando com mais velocidade o cume das vagas.

Nossa Senhora da Guia está, por certo, com elles, porque o valor com que se immergem no seio do perigo, e conseguem arrancar-lhe as presas, tem alguma cousa de sobrehumano.

Ás quatro horas estava salva a guarnição da *Primorose*, composta do capitão e cinco marinheiros.

As primeiras das condecorações que hoje cobrem o peito generoso do ousado maritimo, foram devidas a este acto verdadeiramente heroico de coragem e humanidade.

O governo inglez condecorou desde o patrão até ao ultimo dos remadores, que todos tinham arriscado a vida, e com egual denodo affrontado o perigo, com uma medalha de prata de distincção pelo merito ; e a *Real Sociedade Humanitaria* premiou tambem a Joaquim Lopes com a grande medalha de ouro, nomeando-o ao mesmo tempo seu socio honorario, e os remadores com a medalha de segunda classe.

Em quanto ao nosso governo, esse condecorou um anspeçada de artilheria que, estando a *ver* das muralhas da torre do Bugio o pavoroso espectaculo, gritára para os bravos na occasião de passarem por defronte da fortaleza : — « estão alli, estão alli » — e um official do mesmo corpo, que, nutrindo ha muito desejos de possuir uma fita azul, se combinára com o anspeçada para se apresentarem como os principaes heroes da acção, com o habito da Torre e Espada ; e só, dez mezes depois, mandou ao bravo patrão, embrulhado n'um pedaço de papel ordinario, um desgracioso e pesado medalhão de prata, sem argola para fita !

Um industrioso jornal da capital classificou este anspeçada de *valente*, dizendo que fôra elle quem se mettêra ao mar e, encontrando a *falua*, indicára o logar onde estavam os naufragos, que esta perdêra de vista !

Na verdade, aqui nem tudo é mentira : ha só alguma cousa de mais, como o nosso Joaquim Lopes mostrou, publicando o documento onde a tripulação da *Primorose* attesta que, além de um vapor de guerra portuguez que, sem prestar soccorro algum, voltou para Lisboa, nada mais viu senão a embarcação que a salvou da angustiosa tribulação, e sem o soccorro da qual teria toda infallivelmente perecido.

Este documento appareceu acompanhado de outros, passados pelo commandante da corveta *Oito de Julho*, então surta em Belem, e pelo vice-consul de S. M. Britannica em Lisboa.

A tripulação, ou foi extremamente ingrata, ou tomou, na confusão do conflicto, a aquatica ordenança por algum dos seus membros !

Mas não nos occupemos com isto.

Em março do mesmo anno, Joaquim Lopes ía sendo victima do seu arrojo e humanidade.

Tirando debaixo de uma canôa, que se virou na *praia da Sardinha*, em Paço d'Arcos, um homem que ahi tinha ficado, por tal modo, já nas agonias da morte, se lhe agarrou e fixou nas pernas, pesando-lhe e embaraçando-lhe o nado, que, se não fosse o auxilio dos tres catraeiros que se lançaram logo ao mar, e, firmando-o pelo hombro, o ajudaram a subir para um rochedo, teria infallivelmente succumbido com o naufrago.

Por esta acção difficil e arriscada, o premiou novamente a *Real Sociedade Humanitaria*, com a medalha de segunda classe.

Em 24 de fevereiro de 1858, pelas 8 e meia horas da manhã, encalha uma outra escuna ingleza, a *British Queen*, no fatal baixo de Alpeidão.

Apenas as torres dão o signal de soccorro, Joaquim Lopes convida os seus companheiros a seguil-o, e, embarcando na sua abençoada canoasinha de pesca, parte em demanda dos naufragados.

D'esta vez, a sua piedade não é tão feliz, porque o navio submerge-se todo de um só jacto, quando os ousados barqueiros tentavam aproximar-se d'elle pela terceira vez ; mas ainda conseguem salvar o capitão, para o qual milagrosamente se desprendeu uma verga onde se agarrou.

Como o estado do naufrago reclamava promptos soccorros, fez-se, com graves riscos, caminho da torre do Bugio.

Chegado, porém, ahi, um vulto negro se descobre no logar do sinistro.

— « Naufrago! » gritam todos.
— « É um cão », diz um.
— « Eia! » exclama Joaquim Lopes, « aquelle tambem tem vida, e é o amigo mais fiel do homem! »
E, lançando-se de novo ao abysmo, que por duas vezes quasi lhe ia sorvendo a fraca embarcação, salva esse fiel amigo do homem.
Joaquim Lopes tem uma alma e um coração grandes por excellencia.
Um homem d'estes nada tem a invejar aos outros: deve viver contente, satisfeito, alegre de si proprio.
Em si tem a virtude, na virtude tem o merito, no merito tem a honra: n'esta virtude, n'este merito, n'esta honra, gozos raros e inexcediveis para o espirito.
Joaquim Lopes! ao traçar d'estas linhas, envio-te, nas azas do pensamento, um abraço enthusiastico!
O governo britannico condecorou pela segunda vez o nosso heroe com a medalha de oiro, e os remadores com a de prata.
Ultimamente, pela occasião do naufragio do brigue francez *Esthefanie*, no qual Joaquim Lopes salvou tres marinheiros, alguns jornaes lembraram ao nosso governo um *distinctivo mais honroso*, para galardoar os serviços d'este homem.
Que anachronismo!
Oxalá que a lembrança continue a ficar no esquecimento; que esse ou outro *distinctivo mais honroso* não vá manchar o peito, onde o coração pulsou sempre pelo santo amor da humanidade.
Se, porém, os nossos governos, que, sobre tal assumpto, com tanto siso hão andado, se decidirem a lavrar mais esse disparate, d'aqui reiterâmos ao benemerito Joaquim Lopes os rogos que, em nome da dignidade das suas virtudes, lhe fizemos quando tivemos a boa fortuna de o conhecer pessoalmente, e a honra de nos acceitar como seu amigo.
Rejeite!
Na verdade, não chegámos ainda aos tempos das ordens de cavallaria approvarem o uniforme da jaqueta; e em quanto esperâmos por elles, não confundamos os benemeritos com muitos parvos e malvados.
Joaquim Lopes conta perto de 59 annos, e, apesar d'esta edade, já não pouco avançada, nem propria para temeridades, continúa a affrontar os perigos com o mesmo denodo e pericia que desenvolvia aos 30.
Só tem de velho os cabellos e as rugas.
Talvez seja por isso que o governo o não tenha reformado, conservando-lhe o ordenado, e garantindo-o a sua mulher, no caso d'esta enviuvar, como já por vezes, com tanta justiça, ha pedido.
Homem privilegiado por Deus, tem na fronte estampadas as virtudes do seu coração e a historia da sua vida.
A extrema brancura de sua pelle, sua testa espaçosa, seus labios estreitos e cerrados, a penetração de seu olhar, o intumecimento rosado de suas palpebras, revela-nos logo o homem que ha passado a sua vida mais banhado pela agua do que pela luz solar; o homem cujo cerebro se move e anima pela inspiração; o homem que, firme e ousado nas suas concepções, não afraca nunca perante o medonho aspecto dos perigos; o homem que, de um só golpe de vista, abraça e resolve as difficuldades; o homem, finalmente, que ha repetidas vezes vertido esse pranto de alegria que assoma aos olhos nos triumphos ganhos pelo amor da humanidade.
Mas o retrato de Joaquim Lopes desenha-se em menos palavras: é a Providencia dos naufragos na barra de Lisboa.

NOGUEIRA DA SILVA.

ESTUDOS BIOGRAPHICOS.

JOSÉ MAURICIO, PROFESSOR DA CADEIRA DE MUSICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

III.

Não me farei cargo de discutir agora se andou effectivamente em tempo mais ou menos remoto (entre os que não curam, ou não tem meios de aprofundar as cousas) tradição vaga, que attribuia ao lente José Mauricio a qualidade de filho do Brasil. Inclino-me a crer que sim; e até me parece que eu proprio, tendo lido pela primeira vez, ha mais de trinta annos, o seu *Methodo de Musica*, estive, pouco mais ou menos, persuadido de que assim era; sem duvida, porque então ou depois o ouvi a quem quer que fosse. Pouco me interessava n'aquella epocha o averigual-o melhor, e por isso não cuidei d'este ponto senão quando a necessidade de adiantar e polir o meu *Diccionario Bibliographico*, me levou a prestar-lhe mais séria attenção. Mas que existisse, ou não, a tradição, o illustre auctor da *Historia do Brasil* tem por si argumentos de maior peso, embora negativos, que por certo desculpam a sua enganosa persuasão. Consistem estes no silencio absoluto, e a meu ver inexcusavel, que ácerca do portuguez José Mauricio, e de tudo o que lhe diz respeito, guardaram até hoje aquelles que o deviam conhecer de perto, ou que estavam na situação de alcançar a verdade, se a procurassem com o desvelo proprio de quem, como elles, se propunha transmittir á posteridade a noticia dos professores e compositores musicos, que em Portugal floreceram no curso do ultimo seculo, e principio do presente.
Seja o primeiro o cardeal Saraiva, mais afamado no orbe litterario pela denominação de bispo conde D. Francisco de S. Luiz. Percorrendo os exiguos apontamentos, que com o titulo de *Lista de alguns artistas portuguezes colligidos de escriptos e documentos*, etc. sairam sob o seu nome, encorporados primeiro no jornal *O Recreio*, e depois dados em separado, Lisboa 1839 (obra que, seja dito de passagem, bem longe está de corresponder ao que em tal materia havia direito a esperar da vasta erudição e amplissima leitura do douto prelado) debalde se procura nas suas paginas, e na classe dos musicos, uma só palavra allusiva a José Mauricio. Confesso que nem remotamente me atrevo a conjecturar a causa de tal esquecimento, tanto mais inexplicavel quanto é certissimo, que S. Luiz e o auctor do *Methodo de Musica* conviveram, ao menos por alguns annos, na universidade, e deviam, quando menos, conhecer-se!
Vejamos agora o que ao mesmo proposito diz o geographo veneziano A. Balbi, que no seu *Essai statistique sur le royaume de Portugal*, inseriu no tomo II a bem conhecida e profusa lista dos escriptores, litteratos, e artistas portuguezes, na qual tanto se compraz em prodigalisar louvores a esmo, ainda ás mais obscuras e ignoradas mediocridades.
Tratando dos musicos portuguezes, ahi falla, a pag. CCVII, de um padre José Mauricio, mestiço brasileiro, *natural do Rio de Janeiro*, compositor mui distincto, digno rival de Marcos Antonio Portugal, e como este, compositor da capella real n'aquella corte: acrescentando em seguida, que o talento d'este padre era tanto mais para admirar, *attendendo a que elle nunca saira da sua patria*. Já se vê que esta affirmativa excluia até a idéa de que o musico fluminense tivesse jámais regentado em Coimbra a cadeira da sua profissão, ou publicado ahi o *Methodo*, que anda em seu nome. Tenho por certo que o benemerito auctor da *Historia do Brasil* não deixaria

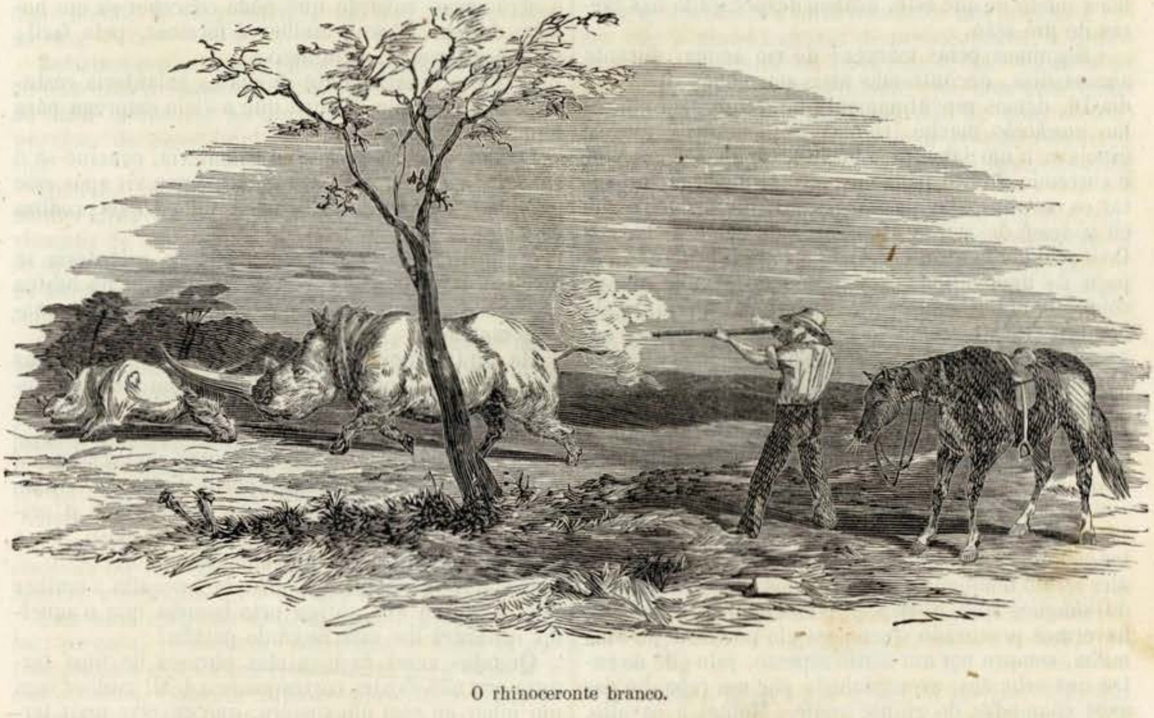
de attentar sobre esta passagem; mas não julgou talvez dever fazer obra por ella, costumado sem duvida a desconfiar com razão dos tantas vezes improvisados e pouco exactos assertos do viajante italiano.

O que, porém, não deixa de maravilhar-me é, que o conego Luiz Duarte Villela, ou antes os amigos que lhe subministraram em tempo os materiaes para as suas *Observações criticas*, com que em 1828 desfez e confutou tantas inexactidões e equivocos do *Essai statistique*, indicando-lhe egualmente os nomes de muitos individuos ahi omittidos, e contando-se entre estes bom numero de musicos, nem uma só palavra dissessem do esquecido professor conimbricense!

Citarei por ultimo o auctor da *Mnemosine Lusitana*, Pedro Alexandre Cavroé, a quem não póde negar-se espirito indagador, e louvavel curiosidade no empenho a que se deu de tornar conhecidas no mundo as cousas da patria. Em o numero XII do tomo II d'aquelle interessante jornal inseriu elle uma abbreviada noticia da origem, progresso e estado actual da musica entre nós; e (caso inaudito!) com quanto seja fóra de duvida que para o seu trabalho se serviu em parte do proprio *Methodo* de José Mauricio, cujas palavras em algumas passagens do prologo e introducção transcreve quasi textualmente, todavia omittiu-lhe até o nome na resenha final dos compositores, com que terminou aquelle artigo!

Á vista, pois, de tão porfiado e inqualificavel silencio, quem ousaria censurar o auctor da *Historia do Brasil*, ou increpal-o por deixar-se transviar, não attingindo uma especie, que os proprios, a quem cumpria elucidal-a, conservavam occulta nas trevas de um mysterioso e enigmatico segredo?

Tenho para mim que á hora em que isto escrevo o illustre historiador brasileiro haverá de ha muito reconhecido o seu equivoco, adquirindo o conhecimento da verdade. Sem duvida ao ler na *Revista Trimensal do Instituto* n.º 23 (correspondente, creio, a novembro de 1836) a biographia não menos elegante que sentimentalmente escripta pelo sr. Araujo Portalegre, do insigne musico e verdadeiro fluminense padre José Mauricio Nunes Garcia, nascido no Rio a 22 de setembro de 1767, e ahi mesmo fallecido, sem que jámais saísse dos lares paternos, a 18 de abril de 1830, sentiria a inconveniencia de confundir com aquelle habilissimo cultor da sciencia musical o nosso conimbricense, nascidos e finados, um e outro, em epochas respectivamente diversas, e em climas tão longinquos, posto que (coincidencia bem digna de reparo) ambos morressem repentinamente, depois de percorrerem na carreira vital o mesmo numero de annos, com differença apenas de alguns poucos mezes!



O rhinoceronte branco.

N'este presupposto sinceramente imploro a sua indulgencia, se tive de anticipar-me em accusar um engano, que o seu amor pela verdade, de que tem dado provas irrefragaveis, não faltaria a reparar na primeira occasião que para tal se lhe offerecesse.

Revindiquemos, portanto, o que nos pertence, deixando aos nossos irmãos d'além-mar na posse pacifica do que lhes coube em sorte: que assás abastados podemos julgar-nos uns e outros em nomes honrosos e credores de memoria, para não carecer de indevidamente nos enriquecermos com jactura da propriedade alheia.

(Continúa.)

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Esta descripção da caça do rhinoceronte é extrahida da obra do celebre caçador inglez do nosso seculo, Gordon Cumming — A Hunter's life in Sout Africa — que já está na sua terceira edição.

M. Cumming começou a sua vida aventurosa em 1839, partindo para a India, para se reunir ao 4.º regimento de cavallaria ligeira de Madras, aonde servia. Tomando terra no cabo da Boa-Esperança, o joven militar, n'uma caça de pequenos antilopes, começou a desenvolver uma paixão, que n'elle se manifestára desde a infancia, e a que depois tão largamente se devia entregar.

Na India juntou grande numero de exemplares de historia natural, lançando os fundamentos de uma collecção, que em breve deveria attingir proporções gigantescas.

Dando-se mal com o clima, M. Cumming retirou-se para a sua patria, e entregando-se de novo ao seu exercicio favorito de caçar, encontrou-se em pouco tempo possuidor da mais rica collecção de cabeças de veado da Escossia.

Depois de diversas vicissitudes, achava-se M. Cumming, em 1843, fazendo parte do corpo dos *Capes Riflemens*, n'essas vastas regiões, aonde a perspectiva de uma abundante caça podia deslumbrar a sua imaginação.

Penetrando, debaixo do commando do coronel Somerset, no paiz dos cafres Amaponda, o seu passatempo unico foi a caça; mas querendo entregar-se livremente à sua vocação, deixou o serviço, e dedicou-se a explorar o interior da Africa, com o intuito de satisfazer a sua paixão, e de enriquecer o seu museu com tropheos de caça, e objectos de interesse para a sciencia e para a historia natural.

Nenhum viajante ainda se entranhou mais no interior da região do Bamanwgato, e o seu machado e enxada, como elle expressivamente declara, abriram o caminho, que depois outros viajantes trilharam.

Durante muitos annos passou o intrepido caçador tendo por unico abrigo a sua carreta. Muitas vezes nem ahi mesmo pousava, e sósinho ou acompanhado de alguns selvagens, proseguia nas suas expedições de caça, deixando os poucos companheiros acampados em torno da sua bagagem. O seu nome não se tornou menos celebre que o do dr. Liwingston; mas mais infeliz do que este, acabou despedaçado nas garras de um leão.

«Seguimos pelas margens do rio acima, durante alguns dias, encontrando mais ou menos caça. No dia 16, démos repentinamente de frente com um velho *muchocho* macho (rhinoceronte branco), que se espojava n'um lameiro. Levantou-se apenas nos viu, e correndo direito para nós, de tal modo fez espantar os cavallos, que passou para diante primeiro que eu podesse desatar a espingarda do selim aonde estava prêsa. Segui-o, córrendo a toda a brida por espaço de uma milha; e saltando do cavallo abaixo consegui então metter-lhe uma bala na junta do hombro. N'este momento uma femea da mesma especie, e a sua cria, saíram de uma pequena matta, que nos ficava em frente. Vendo que tinha um esgalho de um comprimento mais que o usual, preferi seguil-a deixando o macho, e depois de uma longa e fadigosa carreira, tive a fortuna de a matar ao sexto tiro.

«Depois de almoçarmos mandei aos homens que tirassem a cabeça a este rhinoceronte, e levando Ruyter commigo, fômos seguindo o rasto do macho que tinha ferido n'aquella manhã. Vimos, pela quantidade do sangue, que o fôra gravemente; e depois de havermos procurado o seu vestigio por mais de uma milha, sempre por um matto espesso, saiu elle de entre uns arbustos, acompanhado por um rebanho das aves chamadas do rhinoceronte. Montei a cavallo, e perseguindo-o, pude cravar-lhe no corpo quatro tiros de *rifle*. Consegui tambem fazel-o mudar de rumo, e correr na direcção do nosso acampamento. Vendo depois que não poderia continuar por muito mais tempo, deixei de lhe atirar, e indo devagar com Ruyter, bradavamos de vez em quando para o encaminhar. Dentro em pouco o rhinoceronte, deixando de nos prestar attenção, encaminhava-se para o rio, aonde esteve por cousa de um quarto de hora, virando-se em todas as direcções até expirar. Era este rhinoceronte um macho de uma notavel corpulencia, e pelos dentes, podia-se suppor que talvez não menos de cem estios o tinham visto divagar pacificamente pelas florestas e planicies das formosas margens do Mariqúa.»

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

III.

O AMOR.

III.

Ai infeliz da mulher que nasce formosa!
Ai infeliz da que nasce feia!

Esta é a verdade, digam quanto quizerem em contrario os genios de certos noticiaristas.

É infeliz a mulher formosa, é infeliz a feia; contra a primeira conspiram artificios e seducções; a segunda, como diz uma escriptora celebre, não conhece senão a metade da vida. A primeira vive, relativamente ao homem, no constante fluxo dos enganos; a segunda no refluxo constante dos desenganos. A primeira costuma não corresponder aos que a amam; a segunda ama ordinariamente aos que não lhe correspondem. A primeira, se a virtude não a acompanha, está proxima do desvanecimento; a segunda, se não a acompanha a virtude, está proxima da desesperação.

Enganar a mulher, fingindo-se apaixonado seu, é a acção mais covarde que póde conceber-se em homem de honra; se a mulher é formosa, pelo facil; se não é formosa, pelo aleive.

O que ordinariamente se chama galanteria costuma ser o trabalho de sapa que o vicio emprega para minar a virtude.

Quando cáe a mascara da galanteria, conclue-se o carnaval do amor. A cinza que costuma vir após esse carnaval, fere os olhos, e não é difficil que produza cegueira.

Muitas das flores que em nome da galanteria se dirigem á formosura e á modestia, levam na hastea espinhos mui pungentes, e exhalam do calix emanações maleficas.

Ha tanta iniquidade e tanta miseria disfarçadas com a luva branca! Ha tanto coração de gelo debaixo dos botões de brilhantes! Ha tanta cabeça vazia com o cabello frizado! . . .

Se fosse possivel que as mulheres conhecessem a vida intima de uma grande parte d'essa juventude da *moda*, com enojo repelliriam do seu lado o primeiro hypocrita que lhes queimasse incenso, ou o primeiro atrevido que lhes mentisse amor.

Quantas vezes, disse La Bruyère, occulta a mulher toda a paixão que abriga pelo homem que n'aquelles instantes lhe está fingindo paixão!

Quantas vezes ás mentidas phrases de uma ternura que não existe, corresponde a debil mulher com um olhar ou com um suspiro, que envolve mais ternura que todos os livros dos sabios!

Quantas vezes o amor-*sensação* do homem corresponde o amor-*sentimento* da mulher!

É verdade manifesta: não ha mulheres insensiveis; se alguma o pareça, compadeçamo-nos d'ella: ainda não encontrou o homem a quem deve amar.

Infeliz mulher, a formosa e a que o não é, porque a sua ventura, a sua tranquillidade, o seu porvir, talvez, dependem de quatro palavras verdadeiras ou falsas, que deixam cair no seu coração os labios de um cavalheiro ou de um malvado!

Infeliz mulher, a formosa e a que não o é, condemnada a esperar, e a esperar indefinidamente!...

Quantas bellas illusões brotarão no seu peito, e n'elle murcharão ao sopro gelado da indifferença e do esquecimento!

Vós, as que tendes amado um homem que não vos correspondia, que não vos olhava, que não vos conhecia talvez, dizei á raça sceptica que tem metallisado os mais puros sentimentos da alma, dizei-lhe se existem ou não os verdadeiros martyres do amor.

Vós, homens de coração, que o tendes occupado todo com a imagem de uma mulher, dizei aos pobres de espirito e ricos de mentira, se é tão facil, como pensam, fazer uma ingenua confissão de amor!

Porque nas declarações de amor vae ordinariamente o processo dos amantes que enganam. Não esqueçam esta maxima as gentis leitoras: a melhor declaração de amor é a que não se faz.

E a razão é mui simples: quando o homem sente muito, falla mui pouco ou não falla.

Para uma mulher delicada não ha declaração de amor mais seductora do que a timidez e o embaraço de um homem de talento.

Quando n'uma resposta assenta a nossa felicidade ou a nossa desventura, quem será tão sereno que se atreva a fazer de repente a pergunta?

Não ha nada mais poetico, nem mais grandioso do que o amor de duas pessoas que nunca fallaram de amor.

E como as palavras são o perfume da flor do carinho, não querem sequer perder esse perfume. Que importam os sons dos labios, se se estabelece a linguagem sympathica dos corações?

O amor puro tem o raro privilegio de fundir n'uma duas almas. E ninguem falla em voz alta comsigo mesmo.

Referimo-nos ao amor puro; ao amor-*sentimento*: ao que está proximo de constituir uma virtude; não ao amor grosseiro, ao amor-*sensação*, ao que está proximo de constituir o mais vergonhoso dos vicios.

Queixas, prazer, iras e ternura, tudo assignala a mulher discreta: no fogo de um olhar, no doce movimento de um sorriso, na lagrima imprudente que se lhe desprende das palpebras e róla pelas faces, no halito imperceptivel de um suspiro que se lhe escapa a occultas do peito.

O mysterio e a reserva são as duas condições mais intimas do amor. Desappareceráo os seus mais doces attractivos, quando se converta o amor em assumpto vulgar, que será despojando-o do interesse palpitante que traz comsigo a adivinhação.

Para as almas de certa tempera, a mudez é a suprema expressão do egoismo duplo do amor.

Para o escholar tonto, e para o homem do mundo, porque vive no mundo, é de rigor começar *escrevendo* ou *fallando*, sejam quaes forem as circunstancias, e seja qual for a mulher eleita para victima.

Com uma metralha de *sentimento, impressões, alma, coração, juramentos, felicidade*, e todas as outras phrases que ha em certos *livros para escrever e dictar cartas*, esperam os namorados vulgares tomar a fortaleza e conseguir a conquista.

Escassa idéa chegaria a dar uma fortaleza que tão facilmente se rendesse; e escasso merito terá uma conquista tão brevemente alcançada.

Uma declaração positiva, inesperada, *ex-abrupto*, se nos permittem a expressão, dá pobrissimo testimunho do engenho que a profere, e faz assomar as côres á mulher que a escuta.

E o homem, regra geral, nunca, debaixo de qualquer conceito, deve excitar o rubor de uma mulher.

Os que amam verdadeiramente não sabem, em ponto de declaração, nem quando a começam nem quando a terminam. A mulher adivinha-o.

E é natural; para o amor verdadeiro não urge a correspondencia; alimenta-se de si mesmo.

Sabeis porque não são eloquentes, pergunta Chateaubriand, alguns namorados? — Porque o seu coração falla mui alto, e impede-lhes de ouvir o que dizem.

Será que o homem de talento não ache palavras para declarar-se? Será que falte ao homem de intelligencia e de coração o que sobra aos aldeões em suas folganças domingueiras, e aos estudantes de philosophia em suas recolhidas palestras?

Absurdo!

Desconfiae, pobres meninas, d'essas declarações de *vigor*, que duram tanto como os sons da musica que escutaes: fazei de conta que são *duas musicas*.

Tende presente que, se é proprio do homem singelo fazer uma declaração á primeira vista, é proprio da mulher virtuosa acolhel-a sériamente, e celebral-a como simples galanteria, sendo como é de ordinario uma galanteria simples, que não merece sequer as honras do vosso sorriso.

Sabeis onde está a verdadeira, a explicita declaração de amor? Na conducta do homem que se vos aproxima, e apenas se atreve a erguer a vista para vos olhar: ouvi-o da boca de um sabio.

Um mancebo, disse, que ama, não é libertino, nem dissipado, nem ambicioso; as suas paixões estão em férias; uma só lhe enche o coração; só trabalha por ser o que se chama realmente bom. Felizes os que tem paixões que os fazem menos insensiveis e mais humanos!

Meditae muito nas palavras d'este sabio: encerram todo um livro de ensino.

Se se aproxima a jurar-vos amor um homem d'esses que o mundo chama despreoccupados, e o diccionario incredulos ou irreligiosos, não escuteis as suas palavras, fugi do seu lado; que nem póde cumprir os seus juramentos quem não for bom crente, nem póde amar senão com o amor grosseiro da terra quem tem fechadas as janellas da alma, que dão vista para o aprazivel mar do infinito.

Porém, se chega até vós um homem digno e leal, que vos ama sem dizer-vol-o, que vos contempla e cala, que soffre e cala, que espera e cala, fitae a vista n'elle, minorae-lhe a dor, correspondei-lhe á esperança.

« Amae: este é o unico bem que ha na vida. »

Escreveu-o assim Gorge Sand.

Permittimo-nos acrescentar um adverbio, e será a expressão muito mais bella.

Amae christãmente: este é o unico bem que ha na vida.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

BELLEZAS DA DOUTRINA DE CONFUCIO E MENCIO.

(Continuação.)

Segundo o philosopho chinez, o *perfeito*, o *verdadeiro*, limpo de toda a impureza, é a lei do ceo; a *perfeição* ou o *aperfeiçoamento*, que consiste em empregar todos os nossos esforços para descobrir e seguir a lei celeste, o verdadeiro principio do mandato do ceo, é a lei do homem. Por consequencia, é necessario que o homem attinja á *perfeição* para cumprir sua propria lei.

Mas, para que o homem possa cumprir a sua lei, precisa conhecel-a. « Ora, diz *Tseu-sse* (cap. XXII), só os homens soberanamente perfeitos podem conhecer a fundo sua propria natureza, a lei da sua existencia e os deveres que d'esta derivam, e, portanto, os unicos que, por isso mesmo, estão no caso de conhecer egualmente a natureza dos outros homens, a lei da sua existencia, e ensinar-lhes todos os deveres que tem a observar para cumprir o mandato do ceo. »

Eis-aqui os homens perfeitos, os santos, isto é, aquel-

les que chegaram á *perfeição*, nascidos para instituidores dos outros homens, os unicos capazes de lhes ensinar seus deveres, e dirigil-os no *recto caminho*, no *caminho da perfeição moral*. Mas *Tseu-sse* não limita só a isto as faculdades dos que chegaram á perfeição. Mostra que os homens *perfeitos* desenvolvem suas faculdades até ao mais alto poder, se assimilam aos poderes superiores da natureza, e, finalmente, se absorvem. «Conhecendo a fundo, accrescenta, a natureza dos outros homens, a lei da sua existencia, e ensinando-lhes os deveres a observar para cumprirem o mandato do ceo, podem, por estas razões, conhecer a fundo a natureza dos outros seres vivos e vejetantes, e fazer-lhes cumprir sua lei de vitalidade, segundo sua propria natureza; conhecendo a fundo a natureza d'estes outros seres, e fazendo-lhes cumprir a sua lei de vitalidade segundo a sua natureza, podem, por isso, e por meio de suas superiores faculdades intelligentes, ajudar o ceo e a terra na transformação e conservação dos seres, para que assumam o seu completo desenvolvimento; ajudando o ceo e a terra na transformação e conservação dos seres, podem, por isso mesmo, constituir-se um terceiro poder com o ceo e a terra.» Eis-aqui a lei do ceo.

Mas, segundo *Tseu-sse* (cap. XXII-XXIV), ha differentes gráos de *perfeição*. O mais elevado apenas é compativel com a natureza humana, ou antes, aquelles que o attingiram, tornaram-se superiores á natureza humana. Estes prevêem o futuro, a sorte das nações, sua elevação, sua quéda; assimilham-se ás intelligencias immateriaes, aos seres superiores ao homem. Não obstante, os que chegam a um gráo de *perfeição* menos elevado, mais accessivel á natureza do homem (cap. XXIII), fazem um grande bem ao mundo pela salutar influencia de seus bons exemplos. Todos devem, pois, esforçar-se por obter este segundo gráo de *perfeição*.

«O *perfeito* (cap. XXV) é por si mesmo perfeito, absoluto; a *lei do dever* é por si mesma lei do dever.

«O *perfeito* é o principio e fim de todos os seres; sem a perfeição, os seres não existiriam.» É porque *Tseu-sse* colloca o aperfeiçoamento de si mesmo e dos outros no primeiro logar dos deveres do homem. «Reunir o aperfeiçoamento interior e o aperfeiçoamento exterior, constitue o preceito do dever.»

«E por isso, diz (cap. XXVI), que o homem soberanamente perfeito, não cessa jámais de praticar o bem e trabalhar no aperfeiçoamento dos outros homens.» Em seguida o philosopho chinez exalta de tal modo o poder do homem chegado á *perfeição*, que o assimilha ao poder do ceo e da terra (cap. XXVI-XXVII). É um caracter proprio da philosophia do Oriente, que se não encontra na philosophia da antiguidade classica, o attribuir ao homem philosophicamente *perfeito*, poderes sobrenaturaes.

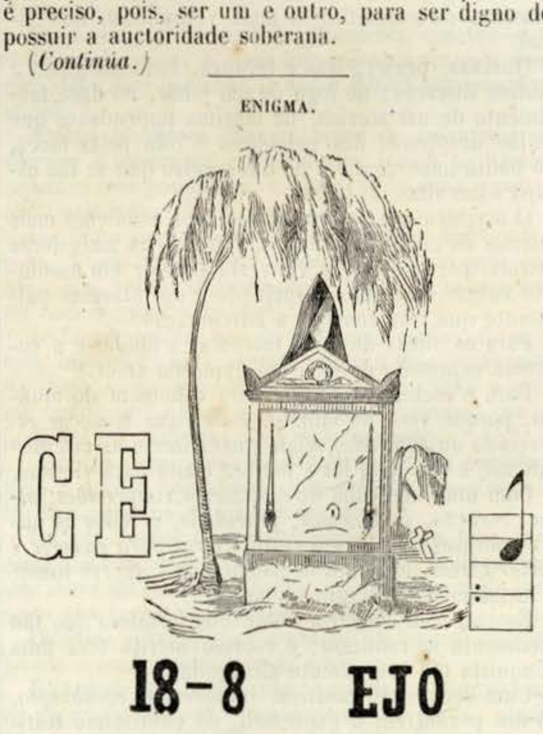
No vigesimo nono capitulo, *Tseu-sse* estabelece, pelo methodo inductivo, que as leis não podem ser propostas senão por sabios revestidos da dignidade soberana, porque de outro modo, ainda que fossem excellentes, não obteriam do povo o respeito necessario á sua sancção, e não seriam, portanto, observadas. Conclue que essa alta missão é privilegio do soberano, a qual só deve estabelecer as suas leis segundo as leis do ceo e da terra, conformes ás inspirações das intelligencias superiores. Vêde, porém, de que rara e sublime condição faz *Tseu-sse* depender o direito de dar instituições aos homens e de governal-os. «Não ha no universo (cap. XXXI) senão o homem soberanamente santo que, pela faculdade de conhecer a fundo e comprehender perfeitamente as leis primitivas dos seres vivos, seja digno de possuir a auctoridade suprema de governar os homens; que, pela sua faculdade de ter uma alma grande, magnanima, affavel e doce, seja capaz de dispor do poder de espalhar beneficios com profusão; que, pela sua faculdade de ter uma alma elevada, firme, imperturbavel e constante, seja capaz de fazer reinar a justiça e a equidade; que, pela sua faculdade de ser sempre honesto, simples, grave, recto e justo, seja capaz de attrahir o respeito e a veneração; que, pela sua faculdade de ser revestido dos ornamentos do espirito e dos talentos ministrados e sazonados por um estudo assiduo, e d'essas luzes naturaes que os torna proprios para a exacta investigação das cousas mais occultas, dos principios mais subtis, seja capaz de discernir com rigor o verdadeiro do falso, o bem do mal.»

E accrescenta: «Que este homem soberanamente santo appareça com suas virtudes, com suas faculdades poderosas, e os povos lhe testimunharão veneração; que falle, e os povos acreditarão, com viva fé, nas suas palavras; que opere, e os povos serão alegres e festivos... Por toda a parte onde os navios e os carros chegam, onde as forças da industria humana penetram, em todos os logares que o ceo cobre de seu docel immenso, sobre todos os pontos que a terra encerra, que o sol e a lua esclarece com seus raios, que a arvore e o orvalho da manhã fertilisam, nenhum dos seres humanos, que vivem e respiram, podem deixar de amal-o e reverencial-o.»

Mas não basta ser *soberanamente santo*, para dar leis aos povos e governal-os: é necessario ser tambem *soberanamente perfeito* (cap. XXXII), a fim de distinguir e fixar os deveres dos homens entre si. A lei do homem soberanamente perfeito não póde ser conhecida senão pelo homem soberanamente santo; a virtude do homem soberanamente santo não póde ser praticada senão pelo homem soberanamente perfeito: é preciso, pois, ser um e outro, para ser digno de possuir a auctoridade soberana.

(*Continua.*)

ENIGMA.



Explicação do enigma do numero antecedente.

O justo morre tranquillo, o peccador desesperado.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista 4 F